

Hospital faz 15 anos, mas atendimento entra em coma

Marcelo Abreu

Da equipe do Correio

Um hospital em coma profundo e sem Unidade de Tratamento Intensivo (UTI). Assim o Hospital Regional da Ceilândia (HRC) completou 15 anos de existência. Ali, falta quase tudo e o HRC hoje sobrevive com o esforço de seus poucos profissionais.

Mas, para espantar o mau olhado, fingir que tudo vai bem e dar seqüência às comemorações do seu 15º aniversário, a administração do HRC realizou essa semana a I Semana Científica e a II Feira de Saúde da Regional da Ceilândia.

Debates e palestras envolvendo questões sociais — espancamento, abuso sexual de crianças e gravidez na adolescência — foram os pontos altos da Semana Científica. Hoje, a partir das 14h, o tema em discussão no Fórum Popular será *Amamentação, responsabilidade de todos*. Haverá, depois da exposição dos conferencistas, debates com usuários e funcionários do hospital.

Além disso, na II Feira de Saúde, o hospital montou estandes em que explica a função do Banco de Leite, serviço de controle de infecção hospitalar, vigilância epidemiológica, saúde bucal e vários outros temas.

Porém, no meio de tanta festividade, um detalhe interessante: tudo muito bonitinho, com figuras e textos, mas nenhum profissional por perto para explicar a quem passa pelo local. "Infelizmente, não temos pessoal para deixar à disposição da feira" admitiu uma funcionária, sem se identificar.

DEMANDA

Em 1981, quando foi inaugurado, o HRC tinha 50 leitos e a Ceilândia 100 mil habitantes. Hoje, com 213 leitos, a população da cidade ultrapassa os 450 mil. "Isso sem contar com os pacientes do Entorno e de outras cidades do Nordeste", observa a pediatra Maria Aparecida Braga, vice-diretora do HRC.

E são esses, de fato, os principais problemas do hospital. A demanda de atendimento e a falta de profissionais. Diariamente no Pronto Socorro são feitas, em média, aproximadamente mil fichas. Para atender a tanta gente, há uma equipe mínima de cinco pediatras, quatro clínicos, três cirurgiões e três ginecologistas. Isso era o mínimo desejado. Mas não funciona.

Ontem, desse já restrito grupo, havia apenas dois pediatras e dois clínicos. A revolta tomou conta dos pacientes. "Cheguei às 5h da madrugada e até agora estou aqui", reclamava o fiscal da Rodoferroviária Antônio Ferreira de Souza, que pretendia marcar uma consulta com um clínico para tratar de um inchaço no pé. Até às 16h ele permanecia no mesmo lugar. Sem ser atendido.

Mais revoltada estava a moradora da Guariroba Ana Maria Assunção. Ela chegou ao HRC às 8h com queixa de febre alta, enxaqueca e sangramento no nariz. Até o final da tarde, sentada num banco de madeira, aguardava.

HORAS-EXTRAS

A vice-diretora do hospital reconhece o caos e mostra números: "Estamos com déficit de profissionais em todas as áreas. Faltam 46 enfermeiros, 99 auxiliares, anestesistas só temos 11 (deveria ser o dobro). Faltam clínicos, pediatras e até pessoal administrativo."

E o excesso de trabalho — aliado à desumana carga horária — tem uma saída: as horas-extras. "No mês passado, somamos 9.860 de horas-extras dos servidores. Oitenta por cento delas são dos médicos" constata Maria Aparecida.

E nem assim dá para atender todos os que procuram o hospital. Na última quinta-feira, dia 19, das 7 às 19h, a equipe de obstetrícia realizou 27 partos. Isso tudo com uma equipe de três médicos e duas auxiliares. "Aqui se trabalha com milagre", confessou uma enfermeira.